

SILVA, Margarida Almeida da.¹ EXPERIÊNCIA VIVIDA PELA MÃE COM UM FILHO CARDIOPATA EM SITUAÇÃO DE HOSPITALIZAÇÃO. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará - UFC

ORIENTADORA: Raimunda Magalhães da Silva²

Muitos estudos têm sido desenvolvidos abordando os prejuízos que a hospitalização causam à criança, principalmente relacionado ao impacto emocional. Relatam também algumas condições que ajudam a criança a atravessar essa experiência com o mínimo de prejuízo possível, reforçando a importância da mãe (ou outra pessoa pertencente ao convívio da criança) que funciona como intérprete dos desejos e ansiedades da criança para a equipe. Olhando em outra vertente, isto é, sob o ponto de vista da mãe, como é para ela a experiência de acompanhar um filho durante sua internação e que mudanças ocorrem no cotidiano da sua dinâmica familiar. Nessa trajetória, um estudo mais profundo desse tema me propiciará condições de compreender esses questionamentos e aprimorar a assistência prestada à mãe acompanhante. Considerando o interesse em desvelar como a mãe vivencia a situação de ter um filho cardiopata hospitalizado, optei pela pesquisa qualitativa na modalidade da estrutura do fenômeno situado. A obtenção dos dados desse estudo se deu através das descrições dos sujeitos que a vivenciam. São pois, situações vividas pelas mães e foram relatadas de diferentes maneiras pois o significado expresso sobre suas experiências, pode variar de um sujeito para outro e então o pesquisador se defronta com um conjunto de significados. A leitura cuidadosa das falas obtidas, permite-me perceber que há convergências entre seus conteúdos, ou seja, nos aspectos considerados importantes pelas mães ao conviverem com um filho cardiopata hospitalizado. Assim, a análise compreensiva dos depoimentos desvelaram o impacto da descoberta da doença, sentimento de medo relacionado ao prognóstico do seu filho e as dificuldades notadamente de aspecto sócio-econômico em acompanhar o filho em período de hospitalização. Percebi também como seria importante uma melhor interação entre as mães acompanhantes e a equipe interdisciplinar e que também elas não sejam consideradas apenas como informantes de seus filhos e sim como parte participante no plano terapêutico.

¹ Mestranda em Enfermagem da UFSC, docente da UECE e Enfa. do Hospital de Messejana

² Professora Doutora da Universidade Federal do Ceará.